

## LAUDO MAPEIA RISCO DE INCÊNDIO NOS CAMPI

Página 5

É preciso ter esperança, mas ter  
esperança do verbo esperar;  
porque tem gente que tem  
esperança  
do verbo esperar.

E esperança do verbo esperar não  
é esperança, é espera.

Esperançar é se levantar,  
esperançar é ir atrás, esperançar  
é construir, esperançar é não  
desistir!

Esperançar é levar adiante,  
esperançar é juntar-se com outros  
para fazer de outro modo

PAULO FREIRE

A DIRETORIA DA ADUFRJ DESEJA A TODA COMUNIDADE DA UFRJ QUE O

# 2020 SEJA UM ANO DE ESPERANÇAR

# EDITORIAL

## ESPERANÇAREMOS. PELA UNIVERSIDADE E PELA VIDA

DIRETORIA



O ano que termina não foi fácil. Nem para a educação, nem para a ciência, e especialmente para nós, das universidades públicas brasileiras, onde o ensino e a pesquisa estão entre seus fundamentos básicos. Pela primeira vez na história do país, tivemos um governo que, através de seus dois ministros, declarou guerra aberta às instituições universitárias. Não se trata de restringir recursos orçamentários, como já vinha acontecendo nos últimos anos, quando começamos a sofrer cortes e contin-

genciamentos. Não é uma batalha como a que travamos ao longo dos governos FHC, contra a crescente privatização das formas de financiamento à pesquisa. Nem mesmo encontramos parâmetros similares nos mais difíceis anos de chumbo da ditadura militar, onde houve uma paradoxal expansão das universidades federais, aliada à censura e a à perseguição a estudantes e professores, sendo que muitos até hoje permanecem nas listas de desaparecidos políticos.

Enfrentamos um novo tipo de combate, expresso numa persistente campanha de desmoralização da vida universitária em seu conjunto, que foram desde acusações de malversação de recursos por parte de reitores até a desqualificação dos estudantes e professores, através da divulgação criminosa de notícias falsas e de anúncios de controle ideológico. Além de toda sorte de ofensas vinculadas a cientistas e professores de renome internacional, esse enfrentamento tomou a sua forma mais cruel e degradante através da suspensão de bolsas, desmantelamento de programas importantes.

Foram ações de desrespeito à produção de conhecimento no país, demonstrando menosprezo pela ciência e pelos pesquisadores, desestruturando em poucos meses o que significou décadas de investimento e de muito trabalho. O Future-se, plano apresentado pelo governo como solução para o financiamento das universidades públicas, é a sua mais completa tradução: se for implantado, destruirá a universidade naquilo que a fundamenta e a constitui. Enfrentamos tudo isso, e enfrentaremos mais no próximo ano. Mas não podemos permitir que tudo isso nos leve ao conformismo ou ao desânimo. Porque não foi pouco o que fizemos ao longo do ano, das grandes manifestações de maio aos incansáveis abraços e abaixo-assinados, notas, manifestos, artigos, declarações... Para cada ofensa, uma reação. Para cada tentativa de censura, um novo desafio. Sim, foi um ano ruim, mas poderia ter sido pior. E o próximo poderá ser desastroso, mas está para ser escrito e isso faz toda a diferença. Com a força das coisas que ainda estão por vir, 2020 se anuncia como um dos maiores desafios que enfrentamos. E se não podemos decidir como ele será, podemos ao menos garantir o que faremos com ele. Que seja um ano de afirmação da vida, da diversidade, da democracia. Esperançaremos.



### ADUFRJ DISTRIBUI PLANNER

Os professores vão ganhar um "planner" da AdUFRJ. No brinde, além das páginas dedicadas à organização dos compromissos semanais no próximo ano, o conteúdo é ilustrado com imagens de obras de arte da instituição, encontradas ao ar livre ou pertencentes aos acervos dos museus. Foi uma forma de homenagear o centenário da universidade. No texto de abertura da publicação, a presidente da AdUFRJ, professora Eleonora Ziller, faz um convite à unidade. "Em 2020, a UFRJ celebra 100 anos de universidade pública, gratuita e de qualidade. Recomeçaremos incansáveis, preenchendo cada semana com nossos planos e nossos sonhos. Esse é o nosso convite, que estejamos juntos nessa caminhada". O "planner" será distribuído nas atividades do sindicato e também pode ser obtido na sede da AdUFRJ.

# Conselho da AdUFRJ discute estratégias para 2020

> Professores apresentaram propostas para ampliar mobilização interna e, ao mesmo tempo, angariar o apoio da população para a defesa da universidade e dos direitos dos servidores públicos

ELISA MONTEIRO  
elisamonteiro@adufjr.org.br

Campanha de sindicalização, cartilha sobre progressões, visitas às unidades, integração com o centenário da UFRJ e um grande evento da universidade de portas abertas à população. A última reunião do Conselho de Representantes da AdUFRJ esboçou algumas propostas para o reinício dos trabalhos do sindicato em 2020. O encontro foi realizado no Centro de Tecnologia, no dia 16.

"O ano que vem será de muitos embates. E a ideia desse conselho era avaliar o que fazer. Foi uma reunião muito boa. No final, as falas de cada um foram dando corpo aos nossos desejos e histórias", afirmou a presidente da AdUFRJ, professora Eleonora Ziller. "Tivemos um ano bastante difícil. Pela primeira vez, um titular do Ministério da Educação teve como meta e método atacar, desmoralizar e mentir sobre a universidade. Mas, ao mesmo tempo, a universidade lutou bravamente. E sobrevivemos".

O foco na mobilização dos professores, para fazer frente ao estrangulamento financeiro da universidade e às perdas de direitos, foi ponto pacífico entre os conselheiros e diretores. Assim como buscar mais integração com a sociedade: levar a produção de conhecimento da instituição às ruas, com um UFRJ na Praça, ou o oposto, trazer a comunidade externa para



100 ANOS Professores debateram formas de integrar a mobilização com centenário da universidade

uma grande atividade na Cidade Universitária foram algumas das proposições apresentadas. O simbolismo do centenário da UFRJ, celebrado ano que vem, deve ser aproveitado nestas atividades.

"Abrir mais a universidade é fundamental. Eu tenho trinta anos de UFRJ, acho que todos nós sentimos orgulho e desejo de comemorar essa história", avaliou a professora Celina Figueiredo (Coppe). "Os cem anos podem ser um catalisador. Inclusive para ações conjuntas com o Sintufjr e a reitoria", concordou o diretor da AdUFRJ, Felipe Rosa.

O cenário indefinido para a Educação, no próximo ano, preocupa os docentes. A professora Cláudia Piccinini, da Faculdade de Educação, desconfia da deslização do projeto do governo

para as universidades, o Future-se. Ela apontou o acirramento dos mecanismos de controle expresso, por exemplo, na recriação da comissão que discute o projeto Escola Sem Partido na Câmara. Outros avaliaram que os ataques ao funcionalismo federal, exemplificado no pacote da reforma administrativa e três Propostas de Emenda Constitucional (PEC) do ministro da Economia, Paulo Guedes, serão o pior desafio.

A divergência no Conselho foi quanto às formas de luta que os docentes devem utilizar em 2020. "Se todos concordam com a situação da Educação, com esse governo, é gravíssima, por que a diretoria é contra o estado de greve?", questionou Herli de Menezes, da Faculdade de Educação, em referência à votação do estado de greve proposto

pelo Andes na assembleia de 27 de novembro - e rejeitado por 34 votos a 28. "Temos acordo no diagnóstico. E desacordo sobre o que fazer. Um estado de greve agora seria precoce", se contrapôs Antonio Solé, do Instituto de Biologia. A diretoria da AdUFRJ esclareceu que não tinha posição fechada contra o estado de greve.

Promover uma campanha para conseguir novas filiações para o sindicato também faz parte dos planos para 2020. Uma das possibilidades para ampliar o quadro de sindicalizados será durante a realização de reuniões itinerantes nas unidades, com mediação do próprio Conselho. Na sequência do reinício das aulas, será organizado um calendário de ações locais. A diretoria anunciou que também pretende realizar uma

nova eleição para preencher mais vagas no Conselho de Representantes.

Alguns conselheiros apontaram ainda a necessidade de um debate sobre o Projeto Viva UFRJ e por mais discussão das condições de trabalho na universidade.

### PROGRESSÕES

Antes do início do ano letivo, os docentes darão uma atenção especial à questão das progressões múltiplas. Uma comissão de professores organizará uma cartilha, orientando os colegas com pendências.

O acordo pactuado entre a reitoria, a Comissão Permanente de Pessoal Docente (CPPD) e a AdUFRJ prevê a substituição dos pedidos de progressões múltiplas - proibidos pelo Ministério da Economia e pela AGU - por pedidos de progressões de modo consecutivo. "O fundamental é que os processos sejam distintos", explicou o diretor Felipe Rosa.

### PRÓXIMO CONSELHO

O próximo encontro do Conselho já está marcado. "A tarefa mais importante é que, no próximo Conselho do dia 17 de março, possamos ouvir melhor o que vem das unidades no sentido do que poderá ser feito para a grande mobilização de que precisamos em defesa da universidade", avaliou Eleonora Ziller.

Ao final da reunião, os professores participaram de um almoço de confraternização de fim de ano, na sede da AdUFRJ.

RETROSPECTIVA

## NOS QUATRO CANTOS DO MUNDO CONTRA O FASCISMO E PELA EDUCAÇÃO

BRASIL: 15M DA EDUCAÇÃO



EUA: IMPEACHMENT DE TRUMP



CHILE: LUTA FEMINISTA



UFRJ: CONSUNI CONTRA FUTURE-SE



ITÁLIA: MOVIMENTO DAS SARDINHAS



# 26,05%: ganho judicial está mantido na folha

> Advocacia da AdUFRJ e Coordenação de Relações Institucionais da UFRJ conseguiram ganhar tempo e evitar corte imediato do percentual. AGU ainda quer cortar

KELVIN MELO  
kelvin@adufjr.org.br

O fim de ano será mais tranquilo para 4.798 professores da UFRJ, sendo 2.049 ativos e 2.749 aposentados. Graças a uma articulação entre a AdUFRJ e Coordenação de Relações Institucionais da universidade (Corin), os 26,05% estão preservados na folha de pessoal que será paga no início de janeiro.

A reitoria ainda não recebeu a resposta da Procuradoria Geral Federal (PGF) para um pedido de revisão do parecer que manda cortar os 26,05% dos contracheques dos docentes. Em reunião realizada antes do último Conselho Universitário, a administração central informou que aguardava um retorno da PGF até o fim de dezembro.

Diretor da AdUFRJ, o professor Felipe Rosa observou que o sindicato, a Procuradoria da UFRJ e a Corin estão alinhados

na manutenção do ganho judicial. “Temos um legado jurídico favorável há bastante tempo. Com esta contestação do parecer da PGF, não há por que cortar os 26,05%”, disse.

## HISTÓRICO

Os 26,05%, recebidos pelos docentes que ingressaram na UFRJ até 2006, são resultantes de uma ação antiga da AdUFRJ. O Plano Verão de 1989 congelou os preços e salários e extinguiu o reajuste baseado na variação da unidade de referência de preços (URP), utilizada à época. A consequência foi a retirada do percentual dos salários. Diversos sindicatos entraram com ações na Justiça para recuperar o valor. Em 1993, a Seção Sindical obteve decisão favorável na Justiça do Trabalho. A assessoria entrou com uma solicitação, em maio, para reverter a decisão do ministro. Ainda sem retorno.

O governo tenta suprimir os 26,05% dos contracheques docentes há anos, alegando que já

foi absorvido por ganhos posteriores na carreira do magistério federal. A mais recente tentativa é baseada em uma decisão do ministro Alexandre de Moraes, do Supremo Tribunal Federal, no fim de setembro de 2018.

Moraes observou que a Justiça do Trabalho não teria competência para decidir assuntos que envolvam o Regime Jurídico Único (RJU) dos servidores públicos federais. A assessoria jurídica da AdUFRJ discorda, pois, quando a associação entrou com a ação, o RJU ainda não existia – a legislação só entrou em vigor em dezembro de 1990. A advogada Ana Luisa Palmisciano destaca que o STF, em nenhum momento, concedeu à AdUFRJ a oportunidade de se manifestar.

A assessoria jurídica também argumenta que uma reclamação trabalhista como a que motivou a deliberação do ministro do Supremo não poderia violar uma decisão que já transitou em julgado.



## MUSEU NACIONAL DESCOBRE NOVO DINOSSAURO

O professor Alexander Kellner, diretor do Museu Nacional, é o principal nome por trás de uma recente descoberta: uma nova espécie de pterossauro – réptil voador que viveu há, aproximadamente, 95 milhões de anos, no período Cretáceo Superior. “É uma espécie nova de um grupo novo”, destaca o pesquisador.

O animal tinha cerca de um metro e meio de envergadura com as asas abertas. O fósil era largo e os dentes espaçados e pontiagudos. O fóssil foi encontrado no Líbano, soterrado em rochas calcárias, e recebeu o nome de *Mimodactylus libanensis*.

Kellner assina o artigo da desco-

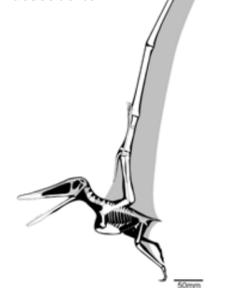
berta com outros pesquisadores do Museu Nacional – Borja Holgado, aluno de doutorado do Programa de Pós-Graduação em Zoologia, e Juliana Sayão, paleontóloga e pesquisadora colaboradora da instituição. O trabalho foi feito em parceria também com pesquisadores da Universidade de Alberta, no

Canadá.

Para Kellner, a pesquisa dá um recado principal ao mundo: apesar do incêndio que devastou o Museu, no ano passado, a instituição segue fazendo ciência. “O Museu Nacional vive. Isto é muito mais do que um slogan”, afirma. “Não perdemos a nossa capacidade de gerar conhecimento novo”, destaca o diretor. Os autores do trabalho defendem a tese de que o animal se alimentava de crustáceos, algo que o diferenciaria entre os pterossauros. O exemplar foi encontrado completo, algo também raro em se tratando de fósseis tão antigos.

A nova espécie pertence a um novo grupo de dinossauros chamado *Mimodactylidae*, que reúne, além de *Mimodactylus*, o chinês *Haupter gracilis*. O professor Kellner contou à reportagem da AdUFRJ que foi convidado a coordenar as pesquisas. “O fóssil foi encontrado e, num dado momento, Michael Caldwell (pesquisador da Universidade de Alberta e segundo autor do artigo) pediu que o

material fosse enviado para lá. Eu, então, fui contactado e viajei para analisá-lo”, relembra. O pesquisador conta que esta foi a primeira vez que um fóssil de réptil alado foi encontrado na região do Líbano. “Entendemos muito pouco dos pterossauros. É como se trabalhássemos com um quebra-cabeças de mil pedacinhos e estivéssemos diante de apenas cem”, exemplifica.



(Silvana Sá)

# Estudo mapeia risco de incêndio na universidade

ANA PAULA GRABOIS  
anapaula@adufjr.org.br

Instalações elétricas em mau estado, rotas de fuga inadequadas e falta de para-raios. Um estudo elaborado pelo Escritório Técnico da UFRJ, ligado ao gabinete da reitoria, mostra diversos riscos relacionados a incêndios nos campi e em prédios isolados da instituição. O trabalho tenta evitar a repetição de tragédias como a do Museu Nacional, destruído pelo fogo em 2018.

O Corpo de Bombeiros, o Ministério Público Federal e o Ministério Público do Trabalho têm cobrado da universidade a realização de obras e, ainda, a emissão dos certificados de SCIP (Segurança Contra Incêndio e Pânico) e de SPDA (Sistema de Proteção contra Descarga Atmosférica).

“Estamos recebendo pressão do Corpo de Bombeiros. Foram 23 notificações. Em alguns prédios, nós não conseguimos responder a notificações e recebemos multa”, disse o coordenador de projetos contra incêndio da ETU e professor de Engenharia Civil da Escola Politécnica, Roberto Machado Corrêa. “Para a certificação do Corpo de Bombeiros, é necessária a execução de obras e precisamos de projetos. Um bom exemplo é o do Hospital Universitário. Um prédio alto daqueles, sem nada ao redor, que não tem para-raios”, afirmou.

No Centro de Tecnologia, tanques que armazenam o combustível utilizado por geradores de energia estão localizados na cobertura do bloco A, o que é considerado extremamente arriscado. “É uma bomba-relógio. Estamos fazendo um projeto para descer esses geradores e fazer uma casa de geradores em lugar seguro”, acrescentou Corrêa.

No prédio da reitoria, a principal rota de fuga em caso de incêndio torna-se uma chaminé em caso de incêndio. “Se eu apontar a rota de fuga para aquela escada, estarei apontando para a morte”, alertou.

Para o professor, o caso mais grave é o da Escola de Música, na instalação da entrada de energia. “É uma joia de prédio público onde há muitas apresentações, eventos que lotam o teatro. São vidas e a gente quer priorizar onde há mais vidas”, afirmou. Outro caso crítico é o IFCS, que sofre com a sobrecarga de energia na instalação antiga.

De acordo com o levantamento, seriam necessários R\$ 40 milhões em obras para conseguir os certificados exigidos pelo Corpo de Bombeiros em todos os

centros da UFRJ. A manutenção predial anual, também cobrada pelos órgãos de fiscalização, corresponde a um gasto de R\$ 6 milhões. Para acabar com todos os problemas acumulados em anos, seriam mais R\$ 317,4 milhões, incluindo obras em todos os campi e prédios isolados. Os números foram apresentados ao Conselho Universitário, na sessão de 12 de dezembro.

A manutenção anual está prevista na proposta da reitoria para o ano que vem. Para o resto, não há dinheiro. “Daria um orçamento anual discricionário nosso. Não depende da gente. Teremos de negociar com o MEC e Ministério da Economia”, afirmou o pró-reitor de Planejamento e Finanças, professor Eduardo Raupp. No inventário da ETU, está

## CASOS CRÍTICOS

### ESCOLA DE MÚSICA

**PROBLEMA:** Entrada de energia na instalação elétrica com risco de curto-circuito e incêndio.

**SITUAÇÃO ATUAL:** O projeto está pronto e falta fazer a obra.

### HUCFF

**PROBLEMA:** A parte elétrica tem diversos problemas. Prédio mais alto da região da Ilha do Fundão, o HU não possui para-raios.

**SITUAÇÃO ATUAL:** Existe um projeto para fazer a substituição do plano de energia atual.

### PRÉDIO DA REITORIA

**PROBLEMA:** Escada que é a principal rota de fuga em caso de incêndio é inadequada e pode levar a mortes em caso de incêndio.

**SOLUÇÃO:** É a construção de duas escadas enclausuradas, com intervenções na laje de cima a baixo, com a necessidade de mexer em parte da estrutura interna do prédio, como salas de aula e gabinetes de professores.

**SITUAÇÃO ATUAL:** Depende de decisão do Instituto Rio do Patrimônio Histórico, da Prefeitura do Rio, responsável pelo seu tombamento após o incêndio de 2016.

### PALÁCIO UNIVERSITÁRIO

**PROBLEMA:** Fiação elétrica é revestida por tecido. Grande parte do prédio está interditada.

**SITUAÇÃO ATUAL:** Projeto está pronto e completo para restauração. Aguarda obras.

### PRÉDIOS DO CCS

**PROBLEMA:** Riscos na circulação em caso de incêndio por conta de obstrução por objetos, como geladeiras, e construções.

**SITUAÇÃO ATUAL:** Necessidade de plano diretor e plano quinquenal de prevenção a incêndio.

### CT LABORATÓRIOS DO IQ E DO IF NO BLOCO A

**PROBLEMA:** Combustível dos geradores fica armazenado em tanques na cobertura, elevando o risco de incêndio. Construção de mezaninos dos primeiro e segundo andares.

**SITUAÇÃO ATUAL:** Projeto de instalação de uma casa de geradores está em elaboração.

### HESFA

**PROBLEMA:** Necessidade de restauração geral do prédio.

**SITUAÇÃO ATUAL:** Em fase de contratação de empresa especializada em restauração.

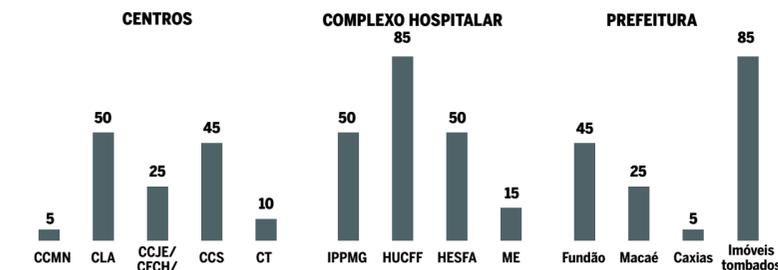
### IFCS

**PROBLEMA:** Instalações elétricas comprometidas devido à expansão do uso da rede de energia, sem aumento de carga ou redimensionamento do circuito.

**SITUAÇÃO ATUAL:** Projeto de sinalização de rota de fuga está em andamento. Outros projetos que envolvem reformas e reparação também estão em elaboração.



## O QUE FALTA EM REPARAÇÃO ACUMULADA (%)



centros da UFRJ. A manutenção predial anual, também cobrada pelos órgãos de fiscalização, corresponde a um gasto de R\$ 6 milhões. Para acabar com todos os problemas acumulados em anos, seriam mais R\$ 317,4 milhões, incluindo obras em todos os campi e prédios isolados. Os números foram apresentados ao Conselho Universitário, na sessão de 12 de dezembro.

A manutenção anual está prevista na proposta da reitoria para o ano que vem. Para o resto, não há dinheiro. “Daria um orçamento anual discricionário nosso. Não depende da gente. Teremos de negociar com o MEC e Ministério da Economia”, afirmou o pró-reitor de Planejamento e Finanças, professor Eduardo Raupp. No inventário da ETU, está

listada a situação do andamento das obras, com a indicação de quanto falta reparar em cada centro. Os percentuais vão de 5% a 85%. Os imóveis tombados, por exemplo, têm 85% de reparos a fazer com base na área, em metros quadrados. O mesmo percentual foi estimado para o Hospital Universitário. Para agilizar os projetos de segurança e de obras, a reito-

ria começou a descentralizar o trabalho feito por engenheiros e arquitetos na ETU. Estes profissionais passarão a trabalhar dentro dos centros, a partir do Escritório de Planejamento (EPlan). A nova política já foi implementada no CCS e no CT. “Serão os braços da ETU, com uma gestão compartilhada, assessorando a decania de cada centro”, disse o professor Corrêa.

## CUSTOS

Manutenção predial anual  
**R\$ 6 milhões**

CERTIFICAÇÃO NO CORPO DE BOMBEIROS  
Segurança contra Incêndio e Pânico:  
**R\$ 33,2 milhões**  
Sistema de Proteção contra Descarga Atmosférica:  
**R\$ 6,8 milhões**

Reparação acumulada e reforma:  
**R\$ 317,4 milhões**  
**TOTAL: R\$ 367,4 milhões**

# ICB: 50 anos atuando na fronteira do conhecimento

> Uma das principais unidades do Centro de Ciências da Saúde, o Instituto de Ciências Biomédicas completou cinco décadas de trajetória de sucesso no ensino, na pesquisa e na extensão acadêmica

SILVANA SÁ E LUCAS ABREU  
comunica@adufjr.org.br

O Instituto de Ciências Biomédicas nasceu nos anos de chumbo. Fruto da reforma universitária de 1968, a unidade foi fundada no ano seguinte para atender ao ciclo básico dos cursos da área de saúde. A medida foi obrigatória para todas as universidades federais do país e a UFRJ também não escapou. Inicialmente instalado no antigo prédio da Faculdade de Medicina, na Praia Vermelha, o ICB passou a reunir docentes de toda a área biomédica da universidade, do Instituto de Biofísica e do então departamento de Bioquímica Médica – transformado em instituto em 2004.

Em 1972, o ICB passou a funcionar no Centro de Ciências da Saúde, no Fundão. A mudança gerou fragmentação. “Hoje, boa parte dos professores, técnicos, alunos e pesquisadores do instituto está distribuída em 37 laboratórios de pesquisa e sete salas multiusuárias espalhadas pelos blocos K, J, E, B e F”, contou o diretor, professor José Garcia Abreu.

O corpo social atual é formado por 79 docentes, 54 técnicos, 100 alunos de graduação e 100 de pós-graduação. O ICB abriga três cursos de Pós-graduação: de Farmacologia e Química Me-

dicinal, de Neurociência Translacional e Ciências Morfológicas, este último com conceito 7, na Capes.

A excelência é uma marca do instituto. A unidade tem docentes reconhecidos no mundo por atuarem no que há de mais moderno em neurociência. Na lista estão, por exemplo, Stevens Rehen, pesquisador 1B do CNPq, especialista em células-tronco e Roberto Lent, pesquisador 1A do CNPq e especialista em reorganização das conexões cerebrais.

Garcia Abreu trabalha com células-tronco e acredita que o Instituto tem a missão de voltar seu olhar para o futuro. “Nos últimos anos, o ICB teve uma atuação de aproximar a clínica à ciência básica”, explica. Ele atua no instituto desde 1994. É ex-aluno da UFRJ, professor Titular desde 2012 e cientista 1B do CNPq.

Agora, segundo o docente, a unidade deve focar sua pesquisa no envelhecimento da população. “Esta é uma questão para os próximos anos em todo o mundo. O envelhecimento traz consigo a aquisição de novas doenças. Podemos trabalhar com tecidos para órgãos”, diz. “Hoje, já desenvolvemos nanomateriais para recuperar tecidos não funcionais, temos forte atuação na neurociência, no desenvolvimento de fármacos”, relata. “Planejamos fortalecer a genômica funcional para estu-

## ICB EM NÚMEROS

**4 programas de graduação**

**6 programas de pesquisa**

**1 programa de extensão**

**3 programas de Pós-graduação**

**79 docentes**

**54 técnicos**

**100 alunos de pós-graduação**

**300 alunos de graduação**

**Atende 5 mil alunos da Saúde**

dar e mapear os genes a fim de prever doenças antes que elas se instalem no indivíduo”.

O giro no foco de pesquisa, para o docente, fará com que o ICB siga na vanguarda da área de saúde. “Queremos continuar trabalhando na fronteira do conhecimento”.

Para conseguir lidar com os desafios futuros, o instituto

precisa ocupar o novo prédio, pronto desde 2017. A única coisa que falta é a ligação da energia elétrica, mas, dívidas da UFRJ com a Light impediam a conclusão do processo. “A reitoria negociou e saiu da inadimplência. Com as negociações, acreditamos que esta etapa será finalizada nas festas de final de ano. Tendo luz, nos mudamos em um mês”, comemora o diretor.

Outro importante nome do instituto é o da professora Tatiana Sampaio. A docente trabalha no programa de pesquisa de Bioengenharia e Terapia Celular. A relação com a UFRJ vem desde 1983, quando ingressou como aluna. Desde 1994 é docente da universidade e passou ao quadro do Instituto a partir dos anos 2000.

Uma das pesquisas lideradas pela docente é de regeneração celular de pessoas com graves lesões na coluna. “O ICB tem uma força grande em neurociência. E, claro, na área de bioengenharia, medicina regenerativa e pesquisa com células-tronco”, destaca a professora, ex-diretora da AdUFRJ.

Como pesquisadora, Tatiana Sampaio acredita que seu principal desafio, hoje, é aliar o financiamento das pesquisas à produção de inovação. “A maneira como a qualidade do seu trabalho é avaliada é através das publicações científicas. Em algum momento dessa trajetória eu percebi que as publicações

poderiam prejudicar o trabalho, porque a gente precisava de algum sigilo se quisesse ter um desenvolvimento industrial futuro”, conta. “Isso dificulta um pouco. Se você não publica, você não tem financiamento, se você publica, não tem possibilidade de patenteamento e licenciamento mais tarde. A gente fica no fio da navalha”, resume.

## FORÇA NO ENSINO

Apesar da impressionante vocação para a pesquisa básica e aplicada, Tatiana Sampaio acredita que a função primeira do instituto é o ensino. A unidade atende a cinco mil alunos da graduação a cada semestre, de todo o ciclo básico da saúde. A docente foi diretora adjunta de graduação e coordenadora do curso de biomedicina. “É no ICB que estão as disciplinas de histologia, anatomia, farmacologia, embriologia, embriologia celular que são ministradas para todos os cursos da área biomédica da UFRJ”, afirma.

Além de atender aos cursos do Centro de Ciências da Saúde, o instituto possui sua graduação em Biomedicina. A missão é formar jovens pesquisadores para a área biomédica. Para o próximo período, o diretor tem um desafio pessoal: “Queremos elevar para o nível 5 do MEC o curso de graduação e passar para 6 os programas de pós-graduação que atualmente têm conceito 5”.

ENTREVISTA | CARLOS DE ASSUMPÇÃO, POETA E ATIVISTA

## VERSOS DE LUTA E DE COR: “MINHA POESIA SOU EU MESMO. ONDE ELA ESTIVER, EU ESTOU”



FOTOS: FERNANDO SOUZA

ARTHUR BOMFIM  
arthur@adufjr.org.br

Decano da literatura afro-brasileira, militante do movimento negro, Carlos de Assumpção visitou a UFRJ, pela primeira vez, em 10 de dezembro. O evento foi organizado pelo grupo Transcultura, formado por alunos negros da Letras, da Belas Artes, entre outras unidades. Com 92 anos de luta e resistência por meio da arte, o poeta é conhecido por suas obras que refletem sobre a realidade de negros e negras no Brasil e as desigualdades geradas pelo racismo.

Uma roda de conversa entre o poeta, professores, alunos e visitantes da universidade discutiu o racismo, visibilidade na academia, negritude e a importância da arte.

Estudante de Belas Artes e integrante do Transcultura, Aline Santiago destacou a presença do poeta na universidade. “É uma alegria muito grande tê-lo aqui. O seu Carlos tem a presença de um ente familiar. É um avô querido, um pai que muitos de nós não tivemos. Poder estabelecer essa troca com ele tem sido incrível”, destacou a estudante.

Confira a entrevista a seguir:

■ **Jornal da Adufrj - Como o senhor se sente sendo uma referência para o movimento negro, enquanto poeta e militante?**

● **Carlos de Assumpção** - Eu me sinto muito feliz por poder fazer algo pelo nosso povo, que está numa situação muito difícil, de isolamento, um verdadeiro *apartheid*. Espero que minha poesia desperte as pessoas

para esse problema que não é só nosso; é de nós todos. Somos 54 por cento da população. Enquanto o Brasil não resolver essa situação, não vai sair do lugar.

■ **O senhor se sente reconhecido nas universidades?**

● **O pessoal** acolheu a minha poesia, a minha maneira de pensar. A minha poesia sou eu mesmo.

Onde ela estiver, eu estou.

■ **Qual é a importância da poesia e da arte frente ao preconceito?**

● **Eu acho** que só a arte conseguirá mudar o mundo, é um meio de comunicação que vai transformar o mundo. Não transformou ainda porque não foi bem direcionada, mas que vai, vai sim! Eu acredito nisso pientemente.

■ **O senhor acredita que a sua poesia pode ser uma ferramenta de mudança?**

● **Eu faço** apologia da palavra. Ela tem muita força. Se não, o poder público não estaria tão atento aos nossos passos. A poesia incomoda o poder.



■ **A poesia do poeta negro incomoda o poder?**

● **Deve incomodar** muito mais. Muita gente pensa que nem existe poeta negro e, no Brasil, tivemos muitos grandes poetas negros. Luiz Gama, Machado de Assis, Cruz e Souza, Solano Trindade, Abdias do Nascimento e, agora, há uma safra nova que é da pesada! Olha, esse negócio vai esquentar e eu espero que esquite mesmo porque precisamos mudar, há muita coisa que precisa ser consertada. A poesia, por lidar com sentimento, é capaz de fazer muita coisa em benefício do país e o que nós queremos é igualdade, nada além disso. Nós merecemos igualdade porque nós é que quase sozinhos construímos esse país, embora muita gente não saiba ou não considere isso.

## NOTAS

### CENTRO DE CIÊNCIAS JURÍDICAS E ECONÔMICAS CELEBRA 50 ANOS

O CCJE completou 50 anos com muita festa. Uma sessão comemorativa do Conselho de Coordenação ocorreu dia 16, no Salão Pedro Calmon. Em seguida, foi inaugurada uma exposição que descreve um pouco da história do Centro, na Sala Aloisio Teixeira. A mostra ficará em cartaz até 12 de fevereiro e poderá ser visitada de 10h às 13h.

O corpo social do CCJE (Decania, Unidades e Órgãos Suplementares) é composto por 366 docentes efetivos, 184 técnicos, 8.481 estudantes em oito cursos de graduação e 699 estudantes de pós-graduação em sete programas.

### MEMÓRIA E VERDADE EM DIAS DE NEGACIONISMO E AUTORITARISMO

Historiadores se reuniram, dia 13, no IFCS, para debater o legado da Comissão Nacional da Verdade. E a comparação entre passado e presente foi inevitável. Segundo Paulo César Gomes, historiador da UFF, a reescrita histórica em curso transborda os limites do revisionismo. “Tenho usado o conceito de negacionismo porque o que está em curso é um movimento distinto das revisões normais, feitas por historiadores a partir de novas fontes ou evidências. Não há novas provas, mas a negação das que existem”, justificou. A atividade foi mediada pela professora Maria Paula Araujo, ex-diretora da AdUFRJ.



ALEGRIA pequenos foram surpreendidos com música e presentes

## Crianças do IPPMG ganham Natal encantado

SILVANA SÁ  
silvana@adufjr.org.br

Papai Noel fascinou crianças e familiares de pacientes do Instituto de Puericultura e Pediatria Martagão Gesteira (IPPMG). O hospital infantil da UFRJ celebrou a festa de Natal do projeto de extensão Alunos Contadores de Histórias. As crianças receberam presentes, tiraram fotos com o bom velhinho, ganharam balões e gorros. Os voluntários do projeto ganharam sorrisos, abraços e olhinhos brilhantes. A festa aconteceu dia 17.

“São muitas as razões para se emocionar”, resume a estudante Ester de Oliveira Borges, do curso de Design de Interiores. “Existe você antes dos Contadores e depois dos Contadores. Não dá para sair igual a gente entra”, diz.

Sami Ayad, doutorando de Engenharia Mecânica, concorda. “Quando vim para o projeto, percebi que ninguém tem um sofrimento maior do que a dor do outro”.

Uma das coordenadoras do projeto, a fisioterapeuta Regina Fonseca é fundadora do grupo. Iniciou sua atuação junto a uma organização não governamental há dez anos. Com a dificuldade de trazer voluntários para o fundo, a ONG deixou de atuar no IPPMG. “Daí surgiu a ideia

de abrimos inscrições para alunos da área de saúde da UFRJ”, conta. “Hoje, a cada semestre cerca de 1.400 estudantes se inscrevem para a nossa seleção, mas só temos 70 vagas”.

Por ser um projeto de extensão universitária, os alunos precisam cumprir uma carga horária mínima de 45 horas de contações de histórias. “Mas eles fazem muito mais do que isso. Nossos estudantes estão envolvidos em todas as etapas desde o planejamento de festas, até a seleção e treinamento dos novos voluntários”, explica Sonia Motta, médica do IPPMG e também coordenadora do projeto.

“Nosso foco inicial era oferecer conforto para as crianças atendidas no hospital. Humanizar o ambiente auxilia no tratamento”, relata. Ao longo do tempo, as coordenadoras assumiram uma nova tarefa: “Passamos a nos concentrar também na formação cidadã de alunos dos mais diversos cursos da universidade”, comemora.

As crianças aprovam os contadores. “Eu gostei do presente e gosto das historinhas que a tia conta pra mim”, diz a pequena Thamiris Amorim, de cinco anos.

O projeto abre vagas duas vezes ao ano. Podem se candidatar alunos de graduação e pós. A divulgação da seleção é feita nas redes sociais dos Contadores e nos meios oficiais da PR-5.

## Artigo

JOSÉ GARCIA ABREU

Diretor do Instituto de Ciências Biomédicas



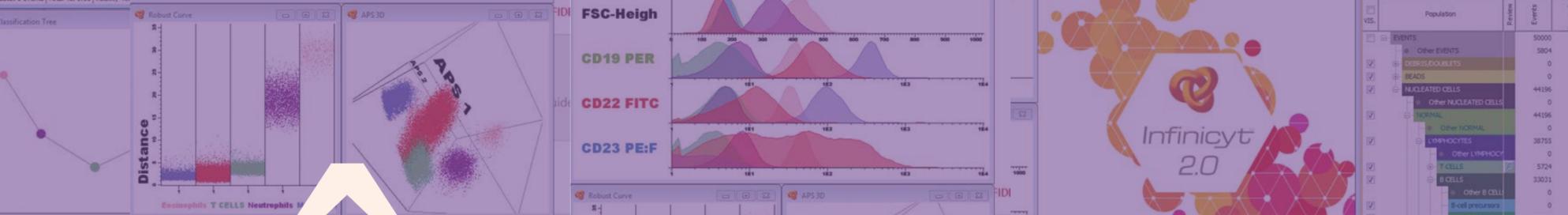
## O QUE QUEREMOS PARA OS PRÓXIMOS 50 ANOS

Um dos grandes desafios do ICB é sua fragmentação geográfica, com laboratórios e alas espalhadas pelos vários blocos do CCS. Isso dificulta as interações internas, o convívio e a consolidação de sua identidade espacial que é de um instituto moderno, transversalizado e sem as barreiras e feudos departamentais. Outro desafio é sua assimetria no corpo docente, onde 51% são professores adjuntos buscando consolidar suas carreiras, 37% professores associados em fase de consolidação e 12% professores titulares, alguns podendo se aposentar em curto tempo. O ICB tem três professores eméritos – Radovan Borjovec, Vivaldo Moura

Neto e Roberto Lent. Temos um elevado percentual de docentes que não tem espaço para trabalhar ou ampliar seus laboratórios, escassos financiamentos e muitos ainda não estão inseridos no sistema de Pós-graduação. Um caminho para resolver estes dois desafios reside na ocupação e término de nosso novo prédio, cujo projeto foi idealizado na gestão do então diretor, professor Roberto Lent (2007-2014). Desde 2012, tentamos finalizar a construção. Ela tem cerca de sete mil metros quadrados, dividida em três pavimentos e três módulos. Até aqui, conseguimos recursos do Ministério da Saúde, da Finep, de emendas parlamen-

tares e do orçamento da UFRJ. Desde 2017, estamos em vias de ocupar e inaugurar 3 mil m<sup>2</sup> equivalentes ao primeiro módulo, que já tem prontos e mobiliados 27 laboratórios, 4 auditórios e 4 salas de aula) e integrá-lo com as outras áreas do ICB. Com isso, vamos propiciar um ambiente moderno para o desenvolvimento de pesquisas e a formação de novas gerações. Mas este não será um desafio trivial, ainda mais na conjuntura política e econômica atual. Necessitará de envolvimento de todo o ICB, da administração central da UFRJ e a busca de parcerias para um projeto do instituto futurista alinhado com as necessidades do país e avanços tecnológicos voltados à saúde.

desafio de buscar recursos, na ordem de milhões, para concluir os outros dois terços do edifício (que contempla mais 27 laboratórios, 4 auditórios e 4 salas de aula) e integrá-lo com as outras áreas do ICB. Com isso, vamos propiciar um ambiente moderno para o desenvolvimento de pesquisas e a formação de novas gerações. Mas este não será um desafio trivial, ainda mais na conjuntura política e econômica atual. Necessitará de envolvimento de todo o ICB, da administração central da UFRJ e a busca de parcerias para um projeto do instituto futurista alinhado com as necessidades do país e avanços tecnológicos voltados à saúde.



# CÂNCER

## Software torna diagnóstico mais rápido

SILVANA SÁ  
silvana@adufrrj.org.br

**A**s crianças do Instituto de Puericultura e Pediatria Martagão Gesteira (IPPMG) recebem o que há de mais moderno no mundo em tratamento de câncer. E a tecnologia para isto foi desenvolvida pela própria UFRJ. A doença já é a principal causa de morte infantil no Brasil. Quanto mais cedo for diagnosticada, menor o risco para os pacientes. Professores e pesquisadores se empenham dia e noite para acelerar a identificação desses tumores.

“Há estudos que indicam que um paciente com câncer, em média, passa por quatro serviços de saúde diferentes. É uma peregrinação. Com essa ferramenta, nós conseguimos, em pouco tempo, dar o diagnóstico e iniciar o tratamento mais adequado”, explica a professora Elaine Sobral, do Departamento de Pediatria. “Os cânceres infantis respondem mais rápido ao tratamento, mas crescem com velocidade muito maior. Um diagnóstico rápido ajuda a preservar muitas vidas”.

A docente conta que o resultado do exame fica pronto cerca de três horas depois de a amostra chegar ao laboratório. Ela coordena o trabalho no Laboratório de Citometria de Fluxo do hospital infantil e é parceira de Carlos Eduardo Pedreira, da Coppe, nas pesquisas relacionadas à área. Pedreira, aliás, vive momentos virtuosos. Seus modelos matemáticos hoje são aplicados em cerca de 3 mil laboratórios de todo o mundo.

Professor do Programa de Engenharia e Sistemas de Computação, ele criou um método que alia inteligência artificial e mineração de dados para tornar o diagnóstico mais rápido e preciso. A iniciativa já tem dez anos, e transformou Pedreira numa referência internacional. Seus modelos matemáticos estão no coração do software *Infinicyt*, fabricado na Europa em parceria com a UFRJ.

O objetivo do modelo é identificar qual dos vários tipos de linfomas ou leucemias um determinado paciente tem. Outra aplicação é encontrar doença residual em pessoas que foram tratadas. “Nesse caso é preciso encontrar vinte ou trinta células doentes ‘perdidas’ em um mar de vários milhões de células normais”, esclarece.

O pesquisador é pioneiro. “Em 1991, publiquei com um aluno de mestrado o artigo *Optimal Schedule for Cancer Chemotherapy* (Programação Ótima para Quimioterapia de Câncer), no jornal *Mathematical Programming*. Talvez uma das primeiras publicações no mundo em métodos matemáticos aplicados a câncer”, relembra.



FOTOS: SILVANA SÁ



**CARLOS EDUARDO PEDREIRA**, desenvolveu modelos matemáticos que são utilizados em todo o mundo para tornar diagnósticos de linfomas e leucemias mais precisos. A professora Elaine Sobral desenvolve a pesquisa em parceria com Pedreira, no IPPMG



Em 2002, veio a cooperação com a Universidade de Salamanca, na Espanha. A instituição é uma das 14 universidades do consórcio EuroFlow – a UFRJ é a única de fora da Europa a participar do grupo. O consórcio atua no desenvolvimento e aprimoramento do software. “Essa parte de computação e modelagem matemática partiu e em grande parte é desenvolvida por nós, na Coppe”, orgulha-se.

Ao longo dos anos, a ferramenta ganhou mais destaque com o aumento da complexidade dos aparelhos de diagnóstico. “Os citômetros mais modernos têm a capacidade de gerar uma enorme massa

de informações. Esses dados precisam ser processados de modo inteligente para gerar informação útil”, explica o docente.

Para se ter uma ideia, o citômetro de fluxo tem capacidade de gerar de 20 a 30 informações de cada célula analisada. O número de células necessárias para um exame varia de 10 mil a dois milhões.

O pesquisador destaca o diferencial de seus modelos: “Recebo as demandas e as críticas dos parceiros médicos diretamente. O objetivo o tempo todo é colocar em uso no mundo real o que estamos fazendo”, afirma.

É justamente daí que vem sua motivação. “Como pesquisador, minha maior satisfação não vem de meus artigos, mas de saber que o que faço está ajudando pessoas. É muito bom saber que o trabalho da gente faz diferença”.

Hoje, o laboratório consegue precisar 90% dos tipos de tumores em poucas horas. A análise clínica comum leva de uma semana a um mês. “Os dados nos dão subsídio seguro para começarmos o tratamento direcionado”, afirma Elaine Sobral. “Ter uma ferramenta que nos subsidia para uma indicação mais precisa de tratamento é maravilhoso”, conclui.